

## O SUJEITO-LEITOR E O ATUAL CENÁRIO TECNOLÓGICO E GLOBALIZADO

Fernanda Correa Silveira Galli<sup>1</sup>  
[fcs Galli@hotmail.com](mailto:fcs Galli@hotmail.com)

**Resumo:** A transição da modernidade ‘sólida’ para a modernidade ‘líquida’, ou pós-modernidade, tem proporcionado muitas mudanças nas relações sociais, entre elas, as noções de identidade, subjetividade, tempo, espaço, consumo, e, ainda, um possível deslocamento das práticas de leitura – do papel para a tela. A partir da perspectiva discursiva e de considerações sobre a pós-modernidade, nosso objetivo é apresentar algumas reflexões sobre a questão do sujeito e suas relações com o mundo no atual cenário tecnológico e globalizado. Como parte dessas reflexões, analisamos, ainda que brevemente, um recorte discursivo, atentando para as representações do professor-aluno sobre a leitura e a internet. Finalizamos nossas discussões refletindo sobre as conseqüências trazidas pela pós-modernidade na vida do sujeito, e sobre as relações entre a leitura e as novas tecnologias.

**Palavras-chave:** sujeito-leitor, tecnologia, pós-modernidade.

**Abstract:** The transition of the ‘solid’ modernity for the ‘liquid’ modernity, or post-modernity, has provides of the many changes in the social relations, between them, the slight knowledge of identity, subjectivity, time, space, consumption, and, still, a possible displacement of the practical ones of reading – of the paper for the screen. From the discursive perspective and of considerations about post-modernity, our objective is to present some reflections on the question of the subject and its relations with the world in the current technological and globalized scene. As part of these reflections, we analyze, still that briefly, one fragment discursive, attempting for the representations of the professor-student about the reading and the internet. Conclude our discussions reflecting about the consequences brought for post-modernity in life of the subject, and about the relations between the reading and the new technologies.

**Keywords:** subject-reading, technology, post-modernity.

As novas tecnologias, como produto da pós-modernidade<sup>2</sup>, têm invadido a vida dos sujeitos e parecem ocupar cada vez mais uma posição de naturalização, como algo que seduz e que faz parte do cotidiano das pessoas. Segundo Bauman (1998), a marca da pós-modernidade traz consigo a busca pela liberdade, assim como os medos e as perdas resultantes dela,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Lingüística Aplicada pela UNICAMP/IEL, sob a orientação da Profa. Dra. Maria José Coracini. Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado, em andamento.

<sup>2</sup> Diante das várias concepções de pós-modernidade, adotamos, neste trabalho, a que está relacionada ao processo de globalização e às novas tecnologias de comunicação.

acompanhada do rápido movimento das mudanças econômicas, tecnológicas, culturais e do cotidiano, as quais a humanidade tem vivido neste mundo incerto e (in)controlável. Esse momento em que estamos vivendo – pós-moderno, marcado por uma transição nos mais variados aspectos de nossa vida – é definido pelo autor (2001) como modernidade ‘líquida’, ‘leve’, ‘fluída’, e muito mais dinâmica que modernidade ‘sólida’, ‘pesada’.

Baudrillard (1999) também pontua questões presentes no mundo contemporâneo, tais como a espetacularização do vazio, a era da imagem e do virtual, a extinção e desconstrução das verdades, a falta de identidade dos sujeitos, enfim, uma verdadeira crise de paradigmas e a fragmentação do sujeito contemporâneo. São reflexões que enfatizam o tempo presente, instável, inquietante, que acaba por desestabilizar as verdades e as representações que temos sobre as coisas, as pessoas, o mundo. Nessa perspectiva, a relação real/virtual se faz presente e evidencia parâmetros e referências na ‘era do virtual’, ou do ‘global’, visto que, hoje, ‘somos pensados pelo virtual’. Não existem mais distâncias nem separação; elas foram abolidas; há uma mistura, um imbricamento, em que tudo é máquina: é a objetificação do homem, o surgimento do ‘homem-máquina’, que tem se transformado também em realidade virtual. Assim, é a máquina que nos fala e nos pensa, complementa o autor (1999, p.148), num espaço em que liberdade e descoberta parecem ser apenas simuladas.

A invasão das novas tecnologias tem alterado quase que completamente o cotidiano do sujeito e suas relações com o outro e com o mundo, pois a realidade virtual encontra-se presente em todos os lugares – tela, multimídia, internet – e assim somos ameaçados pela interatividade que está por toda parte, misturando o que antes era separado, abolindo toda e qualquer distância – entre os sexos, os pólos opostos, o palco e a platéia, o sujeito e o objeto, enfim, entre o real e o virtual (Baudrillard, 1999). Essa (con) fusão de termos tem causado uma perda de referenciais, cuja possibilidade do juízo de valor também tem se perdido, seja com relação à arte, à política, à moral, às línguas, ou melhor, tudo está se tornando aceitável e incontestável.

Nada mais é impossível, a realidade virtual toma conta de todos os espaços e funciona como se fosse um mundo alternativo que se instala e é vivenciado pelos sujeitos como uma ficção, que abre possibilidades outras até então inexistentes nos meios de comunicação, como, por exemplo, a possibilidade que os sujeitos têm de ‘hiperconsumir’ as várias informações

disponíveis. Tais mudanças parecem causar a (trans)formação na identidade do sujeito, que vê a era do virtual como aquilo que traz felicidade, embora momentânea; como o novo que seduz e aprisiona ao mesmo tempo; como o gozo que traz em si a falta e ilusão de desejo, como algo que “Dá tudo, mas sutilmente. Ao mesmo tempo tudo esconde.” (Baudrillard, 1999, p.149).

Partindo dessas considerações sobre a pós-modernidade, o objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre a questão do sujeito e suas relações com o mundo no atual cenário tecnológico e globalizado, o qual proporciona muitas mudanças nas relações sociais, entre elas, as noções de identidade, subjetividade, tempo, espaço, consumo, e, ainda, um possível deslocamento das práticas de leitura – do papel para a tela. Em seguida, analisamos, ainda que brevemente, um recorte discursivo, atentando para as representações do professor-aluno sobre a leitura e a internet. Para finalizar, apresentamos comentários sobre as conseqüências trazidas pelas tecnologias e pela pós-modernidade na vida do sujeito.

## **1 – Sujeito e identidade**

Com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, os tempos pós-modernos têm interferido diretamente no comportamento e nos modos de vida dos sujeitos, numa velocidade alarmante. Lipovetsky (2004), usando o termo hipermodernidade, afirma que a sociedade contemporânea vive uma situação paradoxal, “[...] dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação.”, em que o sujeito encontra-se, de um lado, entre a exigência de ser, fazer e consumir de forma demasiada, e, de outro, a necessidade de lidar com o equilíbrio e de ser comedido.

O sujeito pós-moderno, conforme propõe Coracini (2000, p.180), “[...] se apresenta esfacelado, cindido, clivado, superfície homogênea e uma que camufla a heterogeneidade que o constitui, heterogeneidade essa que determina os conflitos e as contradições que emergem, vez por outra, do inconsciente, através do simbólico a cujo nível pertence a linguagem [...]”. Assim, é um sujeito que pode ser definido como aquele que é constitutivamente heterogêneo, marcado sócio e historicamente, e pertencente a uma dada formação discursiva – sempre atravessada por outros discursos – que se inscreve numa formação ideológica. Essas características têm se

tornado mais aparentes e a (trans)formação constante das identidades está cada vez mais fluida, conseqüências que estão diretamente relacionadas ao fenômeno da globalização, ou melhor, às transições por ela causadas.

Hall (2005), partindo de considerações discursivas, trata do conceito de identidade na pós-modernidade fazendo uma comparação entre as chamadas ‘velhas identidades’ – que estão em declínio, e as ‘novas identidades’ – que estão surgindo e deixando o sujeito fragmentado. Trata-se de uma crise de identidade que tem acompanhado os processos de mudança, deslocando as estruturas centrais da sociedade moderna e abalando os parâmetros que sempre deram ao sujeito uma estabilidade no mundo social – um duplo deslocamento: descentração do indivíduo de seu lugar social e cultural e de si mesmo. Contudo, se sustentamos a noção de sujeito cindido, heterogêneo, descentrado, incapaz de se definir como uno e estável, não há como pensar em identidade fechada e descritível, mas sim em momentos de identificação que estão sempre em movimento e modificação (Coracini, 2003, p.150-1).

O processo de identificação do sujeito, por meio do qual ele projeta suas identidades culturais, tem se (trans)formado em algo provisório, efêmero e incerto. É esse processo, segundo Hall (2005, p.12-3), o responsável por produzir o sujeito pós-moderno, “[...] conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”. Assim, as identidades são construídas por meio da diferença, ou seja, por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é ou aquilo que falta, sendo definidas historicamente e não biologicamente, pois “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (p.13).

Desse modo, a noção de identidade plenamente unificada, estável, completa e coerente, defendida por muitos, não passa de uma fantasia. Carmagnani (2003) argumenta na mesma direção e salienta que a visão tradicional é totalmente contrária à noção de sujeito defendida e assumida pela AD: cindido, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente e habitado por desejos

recalcados. As identidades são multiplamente construídas no decorrer de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou se opor, e, por isso, estão sujeitas a uma historicização, permanecendo sempre em processo de mudança e transformação, e como apegos temporários às posições de sujeito construídas pelas práticas discursivas.

Os processos de identificação e representação, segundo Villaça (2002, p.67-8) acontecem “paradoxalmente por meio da transmutação do corpo.”, pois assistimos constantemente “à multiplicação e à mutação dos corpos em paradoxais metáforas identitárias que ora atuam sobre o próprio corpo por meio de toda sorte de artifícios, ora produzem virtualizações por meio da tecnociência.”. Assim, o sistema pós-moderno, ou hipermoderno (Lipovetsky, 2004), o processo da globalização e as novas tecnologias parecem provocar o deslizamento ou (des)locamento do corpo – com relação ao seu lugar e sua posição individual – que se mecaniza ou ‘maquiniza’, assumindo também o seu papel na produção de subjetividades.

Essas noções de identidade e de sujeito estão intimamente ligadas as suas relações com a ‘modernidade imediata, leve e líquida’ – conforme Bauman (2001) – das sociedades em constantes mudanças, das metamorfoses do sujeito, das (trans)formações do tempo e do espaço.

## **2 – Leitura e subjetividade**

Situadas as concepções de sujeito heterogêneo e de identidade, ou melhor, de identificação instável, esboçaremos a visão de leitura também numa perspectiva discursiva, que sustenta a impossibilidade de se tomar o texto como ‘receptáculo fiel do sentido’ ou como aquele que controla e limita os sentidos. Pensar em leitura, na visão discursiva, significa pensar em interpretação, uma vez que o sujeito interpretante realiza a leitura a partir de sua posição de sujeito. Segundo Orlandi apud Mariani (2003), a questão da interpretação está centrada na relação que ela mantém com a ideologia, pois mediante qualquer objeto simbólico, o sujeito se vê na necessidade de dar sentido, ou seja, de construir sítios de significância, possibilitando os gestos de interpretação. Assim, a prática da leitura está sempre em transformação, determinando movimentos de leitura diferentes, produzindo efeitos de sentidos distintos, por diferentes ‘posições-sujeito’ e diferentes ‘posições-leitores’ (Indursky, 2003).

Os processos de significação do discurso implicam na ‘escuta’ de outros sentidos que estão presentes no texto, e também na forma como esses sentidos se constituem, produzindo novas leituras e, conseqüentemente, novos sentidos. No entanto, dizer que o sentido de uma leitura pode ser outro, não é dizer que pode ser qualquer um, pois os sujeitos são quase sempre interpelados ideologicamente e, desse modo, os enunciados produzidos por eles apresentarão uma regularidade na relação com outros enunciados (Foucault, 1969) e com outros sujeitos. É como se houvesse um limite para a interpretação, embora a linguagem esteja constantemente aberta a falhas e equívocos.

Ler é, então, enxergar o que o texto diz e o que ele não diz, é saber que ele só se constitui significativamente na relação com os vários sentidos produzidos pelos múltiplos sujeitos-leitores e co-autores dos discursos. Para Coracini (2001, p.143), ler “pressupõe um sujeito que *produz* sentido, envolvendo-se, dizendo-se, significando-se, identificando-se.”, abrindo espaço para a heterogeneidade e para a subjetividade “que vez por outra rompe a barreira porosa e opacificante das palavras e se deixa representar, de modo imprevisível, pela linguagem.”.

Se ler é produzir sentidos, envolver-se, identificar-se, mesmo com a chegada das novas tecnologias de comunicação, ou, ainda, com o deslocamento da leitura do texto-papel para o texto-tela, esse processo se faz presente, como uma memória ou um resquício daquilo que já faz parte do sujeito, que já o constitui. Ao olhar para tela, assim como para o texto-papel, o sujeito poderá produzir determinados sentidos, embora esse processo traga em si algumas possíveis mudanças. Segundo Coracini (2004), a sensação do novo, do diferente, do estranho, que seduz e aprisiona, talvez esteja no leitor; isso pode, de fato, acontecer, mas a ‘mudança’ também pode estar na forma de apresentação dos textos (móvel, que vai se abrindo conforme a vontade do leitor, que lê ou não o texto na tela), na relação texto-leitor (materialização do corpo), no modo de ler (na tela, talvez de forma desconfortável, instantânea e efêmera, sem que se possa intervir no texto), na resignificação dos referenciais de tempo e de espaço (aqui/lá, local/global), entre outros.

As tentativas de se classificar o texto impresso e o texto virtual são várias; porém, como afirma Wandelli (2003), ‘é falsa a dicotomia entre o livro impresso e o meio eletrônico em termos de oposição binária entre o velho e o novo’. O que ocorre, na comparação texto e

hipertexto, é o embate entre o ‘velho’ e o ‘novo’, o ‘mesmo’ e o ‘diferente’, a ‘necessidade’ e o ‘prazer’, o ‘concreto’ e o ‘abstrato’, o ‘local’ e o ‘global’ – processos que estimulam a mistura, a hibridação, enfim, a indiferenciação (Villaça, 2002); ou, ainda, podemos dizer que se trata do ‘entre’ – espaço que vai de um lugar a outro, aquilo que liga, que relaciona (Derrida, 1972) – e que está presente no texto e no hipertexto.

Assim, se a dispersão faz parte da linguagem e do sujeito, com o hipertexto não seria diferente, já que ele “expõe, escancara, a incompletude do texto, a produção de sentido do leitor, a impossibilidade de controle dos efeitos de sentido, a intertextualidade e o interdiscurso que coloca sempre um texto, um discurso numa relação de imbricamento com outros textos, outros discursos que o precedem e que o constituem: o já-dito no dito, textos no texto, o múltiplo no um.” (Coracini, 2004).

### **3 – Representações de leitura e sua relação com a tecnologia**

Com o intuito de problematizar as discussões, fez-se necessário focar elementos do discurso que evidenciam as representações sobre a leitura e a internet no atual cenário pós-moderno. Vejamos os dizeres do professor-aluno no seguinte fragmento<sup>3</sup>:

A8\_Ped<sup>4</sup> – *Pensar em leitura as vezes até me entristece, pois sei da grande importância e infelizmente na escola não fui estimulada a desenvolver esse hábito, e com isso hoje sofro, pois sou um pouco entrometida, detesto quando alguém está falando sobre algum assunto que eu não possa dar meu palpite ou quando não sei mais sobre o assunto do que ela. Geralmente não faço leituras profundas, mas sempre estou lendo alguma parte de assuntos que me interessam. A internet para mim é uma grande amiga e aliada, se ouço falar sobre algum assunto que desconheço ou pouco sei, logo já vou pesquisar na internet, que faço uso diariamente. Uso minha amiga para tudo, pesquisas, bate-papo, culinária, etc., me considero dependente dela, não saberia mais viver sem, na minha opinião é a invenção mais abrangente tecnológica, nela podemos ser quem quisermos, podemos mentir, fazer terapia, amizades, inimizades e tudo mais. O que me incomoda muito é a linguagem que usam nos chats, eu particularmente não gosto de abreviar as palavras e em hipótese alguma digito uma palavra sem ter certeza da grafia e meu interesse pelas pessoas que conheço nas salas aumentam ou diminuem dependendo dos seus erros de português.*

---

<sup>3</sup> Faz parte do *corpus* que será utilizado em nossa tese de doutorado, constituído de relatos escritos, os quais foram solicitados aos professores e alunos de três cursos superiores (Ciências Biológicas, Matemática e Pedagogia) de uma instituição particular do interior de São Paulo, no início do primeiro semestre de 2005. Lembramos, ainda, que o texto se mantém como no original, e por isso apresenta alguns problemas de escrita.

<sup>4</sup> Aluna do 3º período do curso de Pedagogia e professora do 2º ciclo (3ª e 4ª séries).

*Um texto on-line parece que foi escrito especialmente para quem está lendo, acho isso muito legal, o que muitas vezes não acontece num texto impresso (é mais formal).*

No início do fragmento, o sujeito afirma a importância que a leitura tem na vida das pessoas, e, ao mesmo tempo, atribui à escola o papel de incentivar e desenvolver esse hábito, discurso que circula e que está sempre presente não só no meio pedagógico, mas na sociedade em geral. Seus dizeres são marcados por palavras significativas (*entristece; infelizmente; sofro*), as quais indicam um sentimento de perda, de sofrimento e de diminuição acentuados, como se tivesse sido privado de algo no seu passado, e que hoje lhe faz muita falta (*sei da grande importância e infelizmente na escola não fui estimulada*), diante das exigências do mundo pós-moderno. Essa perda pressupõe uma possível violação de direitos, uma culpa que parece não estar no sujeito ou fazer parte dele, mas recair sobre a escola e/ou ensino, a quem compete proporcionar e desenvolver o gosto pela leitura.

O ato de atribuir culpa a alguém faz parte do sujeito, o que pode estar relacionado à tentativa de justificar o seu fracasso e mau êxito em determinada atividade – utilizando a repetição, a voz do outro (*sei da grande importância*) – e ainda funcionar como uma forma de alívio para sua ‘consciência’. Os indícios de justificativa são encontrados constantemente no discurso de alunos e até mesmo de professores, principalmente quando se trata da prática da leitura, em que o não incentivo é conferido à falta de comprometimento dos professores, em especial o que trabalha com a língua portuguesa, como se a necessidade do uso da leitura se limitasse a essa disciplina. Esses enunciados funcionam como produção de verdades sobre o professor, o ensino e a escola, as quais estão centradas nos discursos e nas instituições que o produzem (Foucault, 1979).

O verbo ‘*fui*’, no passado, precedido do advérbio ‘*não*’, traz vestígios de fatos que estão sendo (re)lembrados, em forma de memória, e que estão se ressignificando no momento presente (‘*hoje*’), sob um novo olhar. Essa memória se produz historicamente, ou seja, numa relação entre sujeito e história (*infelizmente na escola não fui estimulada a desenvolver esse hábito, e com isso hoje sofro*), num movimento de atualização do discurso: a ausência de estímulo para a leitura no passado produz, hoje, o sentimento da falta e do pesar. Como todo campo enunciativo, esses enunciados compreendem o domínio de memória na medida em que “[...] não são nem mais



admitidos nem discutidos, que não definem mais, em consequência, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (Foucault, 1969:73).

O saber resultante da leitura representa para o sujeito um desejo, além de evidenciar também a falta que o constitui e a ilusão de que ela precisa ser preenchida (*detesto quando alguém está falando sobre algum assunto que eu não possa dar meu palpite ou quando não sei mais sobre o assunto do que ela*). É o desejo da totalidade, que faz com que ele queira ter informações sobre qualquer assunto (*algum*) para não se sentir excluído ou reduzido em relação ao outro, característica própria do sujeito do mundo contemporâneo. Há efeitos de poder que circulam nesses enunciados, evidenciando que esse querer saber não é neutro e, como qualquer outro, se insere num jogo de poder – o saber e o poder se implicam mutuamente (Foucault, 1969). Com o saber, o poder se torna cada vez mais competente: na medida em que o sujeito sabe mais que o outro, esse saber lhe confere mais poder, causando competição e uma possível exclusão daqueles que não detêm o saber. Isso, de certa forma, desperta no sujeito o desejo de ‘hiperconsumo’ (Lipovetsky, 2004).

Embora esse desejo de saber faça parte do sujeito e o constitua, seus dizeres são contraditórios no momento em que explicita que as leituras realizadas são de ‘assuntos que lhe interessam’, o que pode significar que ele não lê tudo e que há sempre uma escolha por determinada leitura. Nem sempre o que o outro sabe ou lê se assemelha aos saberes e leituras desse sujeito, mas é nessa relação e comparação com o outro que ele se define e se molda, evidenciando seu desejo de completude construído no imaginário. As contradições presentes no discurso desse sujeito contemporâneo estão relacionadas, também, às várias identificações, por vezes contraditórias, que empurram para diferentes direções e estão em constante deslocamento (Hall, 2005).

A imagem sobre leitura que permeia o dizer do sujeito está relacionada à necessidade de se ler sempre alguma coisa para estar informado, para ter o ‘saber’, embora essa leitura não seja ‘profunda’. Essa superficialidade é uma característica que parece se fazer presente também na leitura do hipertexto (*se ouço falar sobre algum assunto que desconheço ou pouco sei, logo já vou pesquisar na internet, que faço uso diariamente*), como um processo instantâneo e efêmero,

mas que parece esfacelar fronteiras frente à possibilidade de busca por qualquer assunto. Entretanto, é importante lembrar que diante das possíveis escolhas, há os limites estabelecidos ou a liberdade simulada pela própria rede, que “Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, sites estabelecidos, códigos instituídos.” (Baudrillard, 1999, p.148).

O sujeito, na seqüência do relato, fala de outras possibilidades oferecidas pela internet e afirma que ela é essencial em sua vida pelo fato de talvez proporcionar-lhe um mundo, ainda que imaginário, que não faz parte do seu dia-a-dia, mas que lhe traz felicidade e realização de desejos momentâneos, além de suprir uma possível falta e vazio. Há nesses dizeres o que podemos chamar de pontos de identificação do sujeito, característico dos tempos pós-modernos, que existe apenas como construção imaginária e com características instáveis por estar sempre em transformação, conforme afirma Coracini (2003). Nota-se, também, que o poder de sedução e de fascínio exercido pela tecnologia é grande e funciona como a imagem do espetáculo, trazendo como consequência o vício, que pode ser prejudicial na medida em que o sujeito estabelece uma relação de total dependência para com a máquina (*Uso minha amiga para tudo [...] me considero dependente dela, não saberia mais viver sem*).

A (con) fusão e a perda de referenciais está presente nos dizeres acima quando o sujeito personifica a internet (*A internet para mim é uma grande amiga e aliada*) – como se ela representasse uma pessoa, com quem ele pode contar e em quem pode confiar sempre – e, ao mesmo tempo, usa da objetificação (*Uso minha amiga para tudo, pesquisas, bate-papo, culinária, etc.*), transformando a pessoa amiga num objeto de uso. Assim, ora a máquina parece ganhar vida, ora o homem se transforma em máquina, não havendo “mais distinção homem/máquina: a máquina situa-se dos dois lados”, conforme afirma Baudrillard (1999, p.147). Novamente, o desejo de completude está presente (*Uso minha amiga para tudo*), como um desejo criado pela mídia, pela sociedade em que vive, marcado pelo movimento, velocidade e renovação constantes de informações.

A realidade virtual toma conta do tempo e dos espaços, confundindo as dimensões e funcionando como se fosse um ‘outro’ mundo onde ‘quase’ tudo se torna possível, como, por exemplo, o uso de nomes e qualidades fictícias, a escrita sem a necessidade de identificação, o

namoro à distância, a amizade com o ‘desconhecido’, entre outras, como enuncia o sujeito do relato acima (*podemos ser quem quisermos, podemos mentir, fazer terapia, amizades, inimizades e tudo mais*). Os segredos parecem deixar de ser segredos, a privacidade é escancarada, mentira e verdade se misturam, não há mais censura, e os problemas, aparentemente, parecem não existir mais, e, desse modo, o que caracteriza esse cenário “é uma mudança no paradigma que organiza a ordem vigente [...], que se desloca, do suporte da tradição e transcendência, para as possibilidades da ciência e do indivíduo.” (Costa, 1998, p. 77).

### **Finalizando...**

Através dos nossos gestos interpretativos foi possível reconhecer as contradições e a incompletude do sujeito, que deseja constantemente a completude e o preenchimento da falta. Falar em linguagem é, conseqüentemente, falar em incompletude, em sujeitos e sentidos que também não são completos, prontos, constituídos de forma definida, pois eles “Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.” (Orlandi, 2001, p. 52).

Para o sujeito contemporâneo, a tentativa de preencher essa falta parece estar relacionada ao ‘hiperconsumo’ de tudo, à substituição do real pelo virtual, ao império das imagens e da ficção, às ilusões computadorizadas, enfim, a todas as possibilidades que as novas tecnologias de comunicação e a globalização permitem. Assim, “a condição material que separa os sujeitos do estado de satisfação de necessidades, os lança, em grande escala, na lógica da realização de desejos [...]”, conforme afirma Kehl (2001, p.74), uma vez que, na impossibilidade de satisfazer suas necessidades, o sujeito tenta realizar seus desejos, mesmo que de forma ilusória.

Esse desejo, embora inconsciente, é despertado pela pós-modernidade, que faz com que a falta e a busca por algo se tornem constantes, se reinaugurem a cada momento na vida dos sujeitos, conforme assegura Santos (2002). Isso acontece com os sujeitos-leitores de nossa pesquisa, na medida em que ler é estar informado, é ter o saber e competir com outro, o que suscita o desejo de buscar informações, de forma intensa, principalmente na leitura on-line, como se a *internet* fosse o lugar da totalidade do conhecimento e a forma mais fácil de encontrar ‘tudo’

o que se procura. Nessa perspectiva, a leitura, aparentemente, é tida como um objeto de consumo, numa visão quantitativa e utilitarista.

### **Referências Bibliográficas**

BAUDRILLARD, J. *Tela total*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARMAGNANI, A. M. G. A questão da identidade na mídia: reflexos na sala de aula. In: Coracini, M. J. (org.). *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 2003, pp.305-317.

CORACINI, M. J. Autonomia, poder e identidade na sala de aula. In: *Linguística e Educação: Gramática, Discurso e Ensino*. Oliveira & Passegi [org.], 2000, pp.

\_\_\_\_\_. & Pereira (orgs.). *Discurso e Sociedade*. Pelotas, EDUCAT, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.). *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. *A constituição identitária do leitor de hipertexto*. (comunicação oral, VII CBLA 2004).

COSTA, A. M. M. da. *A ficção do si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

DERRIDA, J. (1972). *A farmácia de Platão*. Trad. Bras. São Paulo: Iluminuras, 1997.

FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz F. B. Neves. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. (1971). *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga Almeida Sampaio. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. (1979). *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GUATTARI, F. “Da produção de subjetividade”. In: PARENTE, A. (org). *Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

INDURSKY, F. A prática discursiva da leitura. In: ORLANDI, E. P. (org.) *A leitura e os leitores*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2003, p.189-200.

KEHL, M. R. “Minha vida daria um romance”. In: BARTUCCI, G. (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARIANI, B. S. C. As leituras da/na rocinha. In: ORLANDI, E. P. (org.) *A leitura e os leitores*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2003, p.105-126.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SANTOS, A. B. L. *Os meios de comunicação como extensões do mal-estar*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

VILLAÇA, N. *Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

WANDELLI, R. *Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.